

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECONCAVO DA BAHIA



DITADURA.MP3

OS SONS DA DITADURA DE 1964-1985

BÁRBARA ALVES
SAMILE CARVALHO

Apresentação

A Ditadura Militar instaurada em 1964, foi um período de duras repressões e cerceamento das liberdades intelectuais e artísticas. Não obstante disso, a música também foi alvo das censuras do Estado porém, muitos compositores, como uma estratégia de resistência às imposições do governo, escreviam canções que se opunham às políticas adotadas pela ditadura utilizando-se da metáfora para expressar o que sentia e ainda assim, fugir do veto do filtro da censura.

Portanto, temos que a música é, além de uma manifestação artística, um meio para conhecer e analisar determinado contexto histórico-social que se desenha dentro de um tempo e espaço específico. Dessa forma é a música, instrumento que demonstra grande eficácia dentro do processo de aprendizagem e na construção da consciência histórica.

Este é um pequeno livro é composto por músicas que foram escritas no período da ditadura militar e tem como objetivo tornar a sua aprendizagem mais dinâmica, analisando diferentes realidade a partir da experiência musical, então liga o som e fiquem atentos (as) na letra, que é hora de construir conhecimento!

Diálogo com o professor

Caro professor, este livro foi pensado para trabalhar a ditadura militar do Brasil (1964-1985) em quaisquer que sejam as circunstâncias, ele pode servir como um material de apoio para tornar a sua aula mais dinâmica e potencializar o aprendizado dos estudantes, estimulando-os à participar do processo de construção do conhecimento.

Entendendo que a aprendizagem se dá por meio da interação professor-estudante e reconhecendo a importância de uma aula que possibilite a construção de uma memória afetiva entorno do assunto, recomendamos que este material seja utilizado no momento da aula, sendo exigido do estudante um conhecimento prévio sobre a ditadura militar e seus impactos na sociedade brasileira para que a experiência seja ainda mais satisfatória.

ACORDA, AMOR

CHICO BUARQUE

Acorda amor
Eu tive um pesadelo agora
Sonhei que tinha gente lá
fora
Batendo no portão, que
aflição
Era a dura, numa muito
escura viatura
Minha nossa santa criatura
Chame, chame, chame lá
chame, chame o ladrão,
chame o ladrão
Acorda amor
Não é mais pesadelo nada
Tem gente já no vão de
escada
Fazendo confusão, que aflição
São os homens
E eu aqui parado de pijama
Eu não gosto de passar
vexame
Chame, chame, chame, chame
o ladrão, chame o ladrão
Se eu demorar uns meses
Convém, às vezes, você
sofrer

Mas depois de um ano
eu não vindo
Ponha a roupa de
domingo
E pode me esquecer
Acorda amor
Que o bicho é brabo e
não sossega
Se você corre o bicho
pega
Se fica não sei não
Atenção
Não demora
Dia desses chega a sua
hora
Não discuta à toa não
reclame
Clame, chame lá,
chame, chame,
chame o ladrão, chame
o ladrão, chame o
ladrão
(Não esqueça a escova,
o sabonete e o violão)

ACORDA, AMOR

CHICO BUARQUE

Em 1973, Chico Buarque já tinha sido censurado tantas vezes que não podia mais assinar composições. No ano seguinte, lançou o disco Sinal Fechado com músicas escritas por amigos, entre as quais consta Acorda Amor, assinada por Julinho da Adelaide, um de seus pseudônimos. Na música, o sujeito acorda a companheira para lhe contar que sonhou que estava sendo levado pela polícia durante a noite. Não se preocupando mais em disfarçar, Chico aponta o dedo ao inimigo, "a dura". O nome funciona como uma abreviação de "ditadura" e também como um adjetivo para a sua inflexibilidade e violência. "Chame o ladrão" é um dos versos mais famosos da música: quando a polícia que deveria nos proteger, nos ataca, quem podemos chamar para nos defender? Chico sugere que a autoridade da época era mais criminosa que os próprios bandidos.

Antes de ser levado, este sujeito se despede da mulher e pede para ela seguir com a sua vida, se ele não regressar. A passagem refere o destino de muitos "inimigos do regime": arrastados das suas camas durante a noite pelos agentes, simplesmente desapareciam, ou seja, eram mortos.

MÃOS A OBRA!



Que tal pesquisar um pouco mais sobre o ano de 1973? E sobre Chico Buarque? as trajetórias de ambos se cruzaram nessa canção, quais os outros elementos que os unem? Utilize livros, internet ou a qualquer fonte de informações que o (a) possibilite o registro de novidades.



Registre essas informações obtidas na questão acima e remonte-as em um mapa (mental ou conceitual).

ALEGRIA, ALEGRIA

CAETANO VELOSO

Caminhando contra o vento
Sem lenço e sem documento
No sol de quase dezembro
Eu vou

O sol se reparte em crimes
Espaçonaves, guerrilhas
Em cardinales bonitas
Eu vou

Em caras de presidentes
Em grandes beijos de amor
Em dentes, pernas,
bandeiras

Bomba e Brigitte Bardot
O sol nas bancas de revista
Me enche de alegria e
preguiça

Quem lê tanta notícia
Eu vou

Por entre fotos e nomes
Os olhos cheios de cores
O peito cheio de amores
vãos

Eu vou
Por que não, por que não

Ela pensa em casamento
E eu nunca mais fui à escola
Sem lenço e sem documento
Eu vou

Eu tomo uma Coca-Cola
Ela pensa em casamento
E uma canção me consola
Eu vou

Por entre fotos e nomes
Sem livros e sem fuzil
Sem fome, sem telefone
No coração do Brasil

Ela nem sabe até pensei
Em cantar na televisão
O sol é tão bonito
Eu vou

Sem lenço, sem documento
Nada no bolso ou nas mãos
Eu quero seguir vivendo,
amor



Eu vou
Por que não, por que não?
Por que não, por que não?
Por que não, por que não?

ALEGRIA, ALEGRIA

CAETANO VELOSO

Uma referência no movimento Tropicalista, Alegria, Alegria foi apresentada, em 1967, no Festival da Record. Apesar de ter ficado em quarto lugar na competição, a música era a favorita do público e fez um enorme sucesso. Durante um tempo de estagnação e falta de liberdade, a canção propunha movimento e resistência. Caetano falava em caminhar "contra o vento", ou seja, contra a direção para a qual estava sendo empurrado. A música é um relato, na primeira pessoa, de um jovem que passeia pela cidade. Citando elementos da cultura popular, traça um retrato do seu tempo, representando uma juventude que se sentia perdida e queria fugir mas não sabia para onde.

MÃOS A OBRA!

-  Que tal pesquisar um pouco mais sobre o ano de 1978? E sobre o movimento tropicalista? Liste as informações obtidas.
-  Registre essas informações obtidas na questão acima e remonte-as em um mapa (mental ou conceitual).

AQUELE ABRAÇO

GILBERTO GIL

O Rio de Janeiro continua
lindo
O Rio de Janeiro continua
sendo
O Rio de Janeiro, fevereiro e
março
Alô, alô, Realengo
Aquele abraço!
Alô torcida do Flamengo
Aquele abraço
Chacrinha continua
Balançando a pança
E buzinando a moça
E comandando a massa
E continua dando
As ordens no terreiro
Alô, alô, seu Chacrinha
Velho guerreiro
Alô, alô, Terezinha
Rio de Janeiro
Alô, alô, seu Chacrinha
Velho palhaço
Alô, alô, Terezinha

Aquele abraço!
Alô, moça da favela
Aquele abraço!
Todo mundo da Portela
Aquele abraço!
Todo mês de fevereiro
Aquele passo!
Alô Banda de Ipanema
Aquele abraço!
Meu caminho pelo mundo
Eu mesmo traço
Que a Bahia já me deu
Régua e compasso
Quem sabe de mim sou eu
Aquele abraço!
Pra você que me esqueceu
Aquele abraço!
Alô Rio de Janeiro
Aquele abraço!
Todo o povo brasileiro
Aquele abraço!

AQUELE, ABRAÇO

GILBERTO GIL

Aquele Abraço é uma música de 1969, escrita e cantada por Gilberto Gil. Concebida quando o artista precisou se exilar em Londres, nos anos de chumbo da ditadura, trata-se de uma mensagem de despedida. Perante toda a censura e perseguição, percebe que tem que ir embora para traçar seu "caminho pelo mundo", do jeito que quiser. Gil mostra que é dono de si mesmo, da sua vida e da sua vontade, planejando recuperar a liberdade e autonomia que perdera. Dizendo adeus a vários locais célebres da cidade carioca, incluindo Realengo, onde esteve preso, se prepara para partir. As suas palavras parecem sugerir que se trata de algo temporário: Gil sabia que um dia ia regressar.

MÃOS A OBRA!



Atualmete, quais são os motivos que levam alguém a se exilar ou a ser exilado forçado? Registre suas hipóteses.



Sabia que mais artistas foram exilados no Brasil durante o período da Ditadura Militar? Pesquise mais nomes e registre.

BLOCO NA RUA

SÉRGIO SAMPAIO

Há quem diga que eu dormi
de touca
Que eu perdi a boca, que eu
fugi da briga
Que eu caí do galho e que
não vi saída
Que eu morri de medo
quando o pau quebrou
Há quem diga que eu não sei
de nada
Que eu não sou de nada e
não peço desculpas
Que eu não tenho culpa, mas
que eu dei bobeira
E que Durango Kid quase me
pegou
Eu quero é botar meu bloco
na rua
Brincar, botar pra gemer
Eu quero é botar meu bloco
na rua

Gingar, pra dar e
vender
Eu, por mim, queria
isso e aquilo
Um quilo mais daquilo,
um grilo menos disso
É disso que eu preciso
ou não é nada disso
Eu quero é todo mundo
nesse carnaval
Eu quero é botar meu
bloco na rua
Brincar, botar pra
gemer
Eu quero é botar meu
bloco na rua
Gingar, pra dar e
vender

BLOCO NA RUA

SÉRGIO SAMPAIO

Bloco na rua é uma música de 1973, na qual Sérgio Sampaio exprime os seus sentimentos de angústia perante a ditadura militar. Assustado, este sujeito parece falar em nome do brasileiro comum, mostrando a insatisfação geral e o terror constante. Trata-se também de uma crítica ao governo Médici e ao suposto "milagre econômico" que estava sendo anunciado pela propaganda política. Sampaio, como muitos da sua geração, apenas quer ver o seu "bloco na rua", ou seja, a juventude unida, se divertindo. O Carnaval, conhecido por ser uma época de alegria e libertação, aparece como um antídoto para a repressão constante. Assim, através desta canção, o músico deu voz a outra forma de resistir: o "desbunde" que desafiava o conservadorismo vigente.

MÃOS A OBRA!



Quais são as origens do carnaval? Como ele foi e é importante para a reafirmação de certos setores sociais brasileiros? Pesquise essas informações, registre em uma cartolina e em grupo compartilhe pelas paredes da escola.



Qual a importância da música como registro desse período? E quais foram as outras músicas desse mesmo ano (1973) relacionadas ao tema?

CÁLICE

CHICO BUARQUE

Pai, afasta de mim esse cálice (x3)

De vinho tinto de sangue

Pai, afasta de mim esse cálice (x3)

De vinho tinto de sangue

Como beber dessa bebida amarga?

Tragar a dor, engolir a labuta

Mesmo calada a boca, resta o peito

Silêncio na cidade não se escuta

De que me vale ser filho da santa?

Melhor seria ser filho da outra

Outra realidade menos morta

Tanta mentira, tanta força bruta

Pai, Pai!Afasta de mim esse cálice

(Pai!) (x3) De vinho tinto de

sangue

Como é difícil acordar calado

Se na calada da noite eu me dano

Quero lançar um grito desumano

que é uma maneira de ser escutado

esse silêncio todo me atordoa

Atordoadado eu permaneço atento

Na arquibancada pra a qualquer

momento ver emergir o monstro

da lagoa

Pai, Pai!Afasta de mim esse cálice

(Pai!) (x3) De vinho tinto de

sangue

De muito gorda a porca já não
anda (Cálice) de muito usada a

faca já não corta como é difícil,
pai, abrir a porta (Pai, cálice)

Essa palavra presa na garganta
esse pileque homérico no

mundo de que adianta ter boa
vontade Mesmo calado o peito,

resta a cuca dos bêbados do
centro da cidade

Pai, Pai!Afasta de mim esse

cálice (Pai!) (3x) De vinho tinto
de sangue

Talvez o mundo não seja

pequeno (Cálice) nem seja a

vida um fato consumado

(Cálice, cálice) quero inventar o

meu próprio pecado (Cálice,

cálice, cálice) quero morrer do

meu próprio veneno (Pai,

cálice, cálice) quero perder de

vez tua cabeça (Cálice) minha

cabeça perder teu juízo (Cálice)

quero cheirar fumaça de óleo

diesel (Cálice) me embriagar

até que alguém me esqueça

(Cálice)

CALÍCE

CHICO BUARQUE E MILTON NASCIMENTO

Cálice é um dos temas mais famosos de Chico Buarque e um dos hinos panfletários mais importantes do período da ditadura militar. Embora tenha sido escrito em 1973, foi alvo de censura e só foi lançado 5 anos depois, em 1978. Com metáforas e duplos sentidos, Chico traça duras críticas ao governo autoritário. Citando a passagem bíblica (Marcos 14:36), parece comparar o sofrimento de Jesus no calvário com o do povo brasileiro. Assim, o cálice estaria repleto do sangue daqueles que foram torturados e mortos, nas mãos do Estado violento. Por outro lado, devido à semelhança entre as palavras "cálice" e "cale-se", refere a opressão e o silenciamento que viraram rotina. O "monstro" da ditadura era uma ameaça sempre presente, que parecia se aproximar aos poucos, deixando o sujeito em estado de alerta permanente. Teme ser o próximo alvo de uma prática comum da época: a polícia militar invadia as casas durante as noite e levava as pessoas, muitas sumiam para sempre.

MÃOS A OBRA!



Que tal pesquisar um pouco mais sobre o ano de 1978? E sobre Milton Nascimento? as trajetórias de ambos se cruzaram nessa canção, quais os outros elementos que os unem? Utilize livros, internet ou a qualquer fonte de informações que o (a) possibilite o registro de novidades.



Registre essas informações obtidas na questão acima e remonte-as em um mapa (mental ou conceitual).

COMPORTAMENTO GERAL

GONZAGUINHA

Você deve notar que não tem mais
tutu

E dizer que não está preocupado

Você deve lutar pela xepa da feira

E dizer que está recompensado

Você deve estampar sempre um ar
de alegria

E dizer: tudo tem melhorado

Você deve rezar pelo bem do patrão

E esquecer que está desempregado

Você merece

Você merece

Tudo vai bem, tudo legal

Cerveja, samba e amanhã, seu Zé

Se acabarem teu carnaval

Você merece

Você merece

Tudo vai bem, tudo legal

Cerveja, samba e amanhã, seu Zé

Se acabarem teu carnaval

Você deve aprender a baixar a
cabeça

E dizer sempre: muito obrigado

São palavras que ainda te deixam
dizer

Por ser homem bem disciplinado

E diploma de bem-comportado

Você merece

Você merece

Tudo vai bem, tudo legal

Cerveja, samba e amanhã seu Zé

Se acabarem teu carnaval

Mas você merece

Você merece

Tudo vai bem, tudo legal

Cerveja, samba e amanhã seu Zé

Se acabarem com teu carnaval

Você, você merece

Você merece

Tudo vai bem, tudo legal

E um fuscão no júízo final

Você merece

E diploma de bem-comportado

Você merece

Você merece

Se esqueça que está
desempregado

Você merece

Você...

Tudo vai bem, tudo legal

Que maravilha

COMPORTAMENTO GERAL

GONZAQUINHA

Gonzaquinha foi um dos músicos que mais criticou a ditadura militar, tendo mais de 50 canções censuradas pelo regime. Entre elas se destaca o seu primeiro sucesso, Comportamento Geral, de 1972. A música, pela sua crueza, provocou o choque no público e Gonzaquinha foi taxado de terrorista e apelidado de "cantor rancor". Na letra, o músico fala com o cidadão brasileiro, comentando a precariedade atual do país. Apesar de toda a opressão, da fome e da pobreza disfarçada de "milagre econômico", o brasileiro comum continuava agindo como se tudo estivesse bem. Esse seria, então, o comportamento geral: não reclamar, se alienar, fingir que está feliz. O medo e a passividade de seus contemporâneos revoltava o artista, que sentia que todos estavam vivendo uma farsa. Como uma provocação, pergunta a "Zé", nome comum no Brasil, o que fará se roubarem o Carnaval, que parece ser o último reduto de alegria e liberdade coletiva. Acima de tudo, a música questiona essa obediência cega que fazia os cidadãos viverem e morrerem segundo as regras arbitrárias que foram impostas

MÃOS A OBRA!



Que tal pesquisar um pouco mais sobre o ano de 1972? E sobre Gonzaquinha? as trajetórias de ambos desembocaram nessa canção, quais os outros elementos que os unem? Utilize livros, internet ou a qualquer fonte de informações que o (a) possibilite o registro de novidades.



Oralmente, apresente a seus colegas de sala, a partir da sua pesquisa quais foram as contribuições que você registrou para maximizar as discussões sobre a temática.

É PROIBIDO, PROIBIR

CAETANO VELOSO E OS MUTANTES

A mãe da virgem diz que não
E o anúncio da televisão
Estava escrito no portão
E o maestro ergueu o dedo
E além da porta
Há o porteiro, sim...
E eu digo não
E eu digo não ao não
Eu digo:
É! -- proibido proibir
É proibido proibir
É proibido proibir
É proibido proibir...
Me dê um beijo, meu amor
Eles estão nos esperando
Os automóveis ardem em
chamas
Derrubar as prateleiras
As estantes, as estátuas
As vidraças, louças, livros,
sim...
E eu digo sim
E eu digo não ao não
E eu digo:
É! -- proibido proibir



É proibido proibir (x4)...
Caí no areal na hora adversa
que Deus concede aos seus
para o intervalo em que esteja a
alma imersa em sonhos
que são Deus.
Que importa o areal, a morte, a
desventura, se com Deus
me guardei
É o que me sonhei, que eterno
dura
É esse que regressarei.
Me dê um beijo meu amor
Eles estão nos esperando
Os automóveis ardem em
chamas
Derrubar as prateleiras
As estátuas, as estantes
As vidraças, louças, livros, sim...
E eu digo sim
E eu digo não ao não
E eu digo: É!
Proibido proibir
É proibido proibir (x4)...

É PROIBIDO, PROIBIR

CAETANO VELOSO

Caetano Veloso compôs *É proibido proibir* em 1968, um ano terrível na história do Brasil que culminou com Ato Institucional Número Cinco. Entre várias medidas autoritárias, o AI-5 determinava a censura prévia da cultura e da imprensa, a ilegalidade de reuniões públicas não autorizadas e a suspensão de direitos dos cidadãos vistos como inimigos. Inspirado pelas movimentações sociais francesas, Caetano usou uma de suas frases de ordem como mote "É proibido proibir!". No contexto brasileiro, as palavras faziam mais sentido do que nunca, com proibições súbitas que se multiplicavam. Recusando tudo isso, se revoltando e resistindo, o cantor lembrava o seu público que todos devemos ser como sonhamos, não como nos obrigam. Mais que uma música de denúncia, trata-se de um hino à desobediência.

MÃOS A OBRA!

-  O movimento social francês mencionado teve repercussão mundial.
-  Analisando o ano do acontecimento (1968), determine qual era ele e quais suas motivações? Liste suas informações encontradas.



A nível de Brasil quais foram as maiores proibições dos atos institucionais? Pesquise e registre.

O BÊBADO E A EQUILIBRISTA

ELIS REGINA

Caía a tarde feito um viaduto
E um bêbado trajando luto me
lembrou Carlitos
A lua, tal qual a dona de um
bordel
Pedia a cada estrela fria um
brilho de aluguel
E nuvens, lá no mata-borrão
do céu
Chupavam manchas
torturadas, que sufoco
Louco, o bêbado com chapéu-
côco
Fazia irreverências mil pra
noite do Brasil, meu Brasil
Que sonha com a volta do
irmão do Henfil
Com tanta gente que partiu
num rabo-de-foquete

Chora a nossa pátria,
mãe gentil
Choram Marias e
Clarices no solo do
Brasil
Mas sei, que uma dor
assim pungente
Não há de ser
inutilmente, a esperança
Dança na corda bamba
de sombrinha E em cada
passo dessa linha pode
se machucar
Azar, a esperança
equilibrista
Sabe que o show de
todo artista tem que
continuar

O BÊBADO E O EQUILIBRISTA

ALDIR BLANC E JOÃO BOSCO

O Bêbado e o Equilibrista é um tema escrito em 1979, por Aldir Blanc e João Bosco, que foi gravado pela cantora Elis Regina. O bêbado, "trajando luto", parece refletir a confusão e a tristeza do povo brasileiro, que sofria com o final da liberdade. A própria Pátria chora junto com todas as mães, esposas, filhas e companheiras daqueles que estavam sendo levados pela polícia militar. Ao mencionar as nuvens como "manchas torturadas", a letra denuncia os casos de tortura e morte que se multiplicavam pelo país inteiro. Desabafando sobre o "sufoco" diário da "noite do Brasil" (metáfora para a ditadura), lembra de "tanta gente que partiu", os exilados que fugiram para sobreviver. Mesmo com tanto sofrimento, a esperança é "equilibrista" e se mantém de pé. Os brasileiros, principalmente os artistas, precisam seguir com a sua vida, acreditando que dias melhores virão.

MÃOS A OBRA!



Sobre a perspectiva dos dias melhores para os artistas que a Elis Regina canta, em dupla reflita e comente se isso realmente aconteceu e qual a visão que se tem do artista atualmente.



A problemática da ditadura, tornou insustentável algumas manutenções como a dos artistas com a liberdade de expressão. Hoje em dia esse quadro mudou? E quais são (caso existam) os subsídios fornecidos pela gestão atual do governo para o desenvolvimento da cultura?

PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES

GERALDO VANDRÉ

Caminhando e cantando e seguindo a
canção somos todos iguais
Braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas
Campos, construções

Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Vem, vamos embora
Que esperar não é saber quem sabe
faz a hora não espera acontecer (2x)

Pelos campos há fome
Em grandes plantações
Pelas ruas marchando
Indecisos cordões
Ainda fazem da flor
Seu mais forte refrão
E acreditam nas flores
Vencendo o canhão

Vem, vamos embora que esperar não
é saber quem sabe faz a hora não
espera acontecer (2x)
Há soldados armados

Amados ou não quase todos perdidos
De armas na mão nos quartéis lhes

Ensinam uma antiga lição
De morrer pela pátria
E viver sem razão

Vem, vamos embora que
esperar não é saber quem
sabe faz a hora não espera
acontecer (x2)

Nas escolas, nas ruas, campos,
construções somos todos
soldados armados ou não
caminhando e cantando e
seguindo a canção Somos
todos iguais braços dados ou
não os amores na mente
As flores no chão a certeza na
frente a história na mão
Caminhando e cantando e
seguindo a canção aprendendo
e ensinando uma nova lição


Vem, vamos embora que
esperar não é saber quem
sabe faz a hora Não espera
acontecer (x2)


PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES

GERALDO VANDRÉ

Pra não dizer que não falei das flores, tema escrito e cantado por Geraldo Vandré, é um dos mais célebres hinos contra a ditadura militar brasileira. Também conhecida como "Caminhando", a música foi apresentada no Festival Internacional da Canção de 1968 e ficou em segundo lugar. A letra, altamente politizada, chamou a atenção do regime e o músico acabou tendo que abandonar o país. Com elementos que lembravam os cânticos usados em passeatas, protestos e manifestações, a música é um apelo à união e à ação coletiva. Vandré fala da miséria e exploração do povo brasileiro, mostrando que todos os extratos sociais devem lutar juntos pela liberdade. A música evidencia que todos os que estão conscientes da realidade opressiva têm a responsabilidade de agir, não podem esperar passivamente que as coisas melhorem

MÃOS A OBRA!

 Como atualmente as deliberações coletivas de cunho político são organizadas? qual a diferença entre as passeatas livres e as vinculadas aos sindicatos? Liste as informações encontradas.

 Para refletir e compartilhar! Quais os avanços quantitativos na erradicação da miséria e exploração do povo brasileiro? Há avanços, retrocessos ou as estatísticas permanecem iguais? Pesquise e comente com os seus colegas de sala.

QUE PAÍS É ESSE?

LEGIÃO URBANA

Nas favelas, no Senado
Sujeira pra todo lado
Ninguém respeita a
Constituição
Mas todos acreditam no
futuro da nação

Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?

No Amazonas, no Araguaia
iá, iá
Na Baixada Fluminense
Mato Grosso, Minas Gerais
E no Nordeste tudo em paz
Na morte eu descanso
Mas o sangue anda solto
Manchando os papéis,
documentos fiéis
Ao descanso do patrão

Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?

Terceiro mundo, se for
Piada no exterior
Mas o Brasil vai ficar
rico
Vamos faturar um
milhão
Quando vendermos
todas as almas
Dos nossos índios num
leilão

Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?

QUE PAÍS É ESSE?

LEGIÃO URBANA

A canção foi escrita por Renato Russo em 1978, embora só tenha sido gravada 9 anos depois, dando título ao terceiro disco da banda Legião Urbana. O cantor confessou que adiou o lançamento porque tinha esperança que as coisas melhorassem e a música deixasse de fazer sentido. No entanto, quase uma década depois, tudo se mantinha igual.

O tema lança fortes críticas sociais, mostrando o Brasil como um país atravessado pela impunidade, a falta de regras e a corrupção generalizada.

Em 1987, o país vivia um período complexo: apesar de já não estar na mão dos militares, não existiam ainda eleições diretas. Tancredo Neves, eleito por um colégio eleitoral em 1985, morreu antes de assumir o poder.

Seu vice, José Sarney, ficou à frente da nação e instaurou o Plano Cruzado, um conjunto de medidas econômicas que traziam uma nova moeda e acabaram fracassando.

MÃOS A OBRA!



Registre as informações descobertas por você, a partir das informações acima e esboce sua opinião sobre as similitudes entre esse período e o momento contemporâneo da política no Brasil.



Em dupla, compartilhe as impressões que vocês já tinham sobre o pós ditadura incluindo as novas informações obtidas a partir dos registros requeridos previamente.